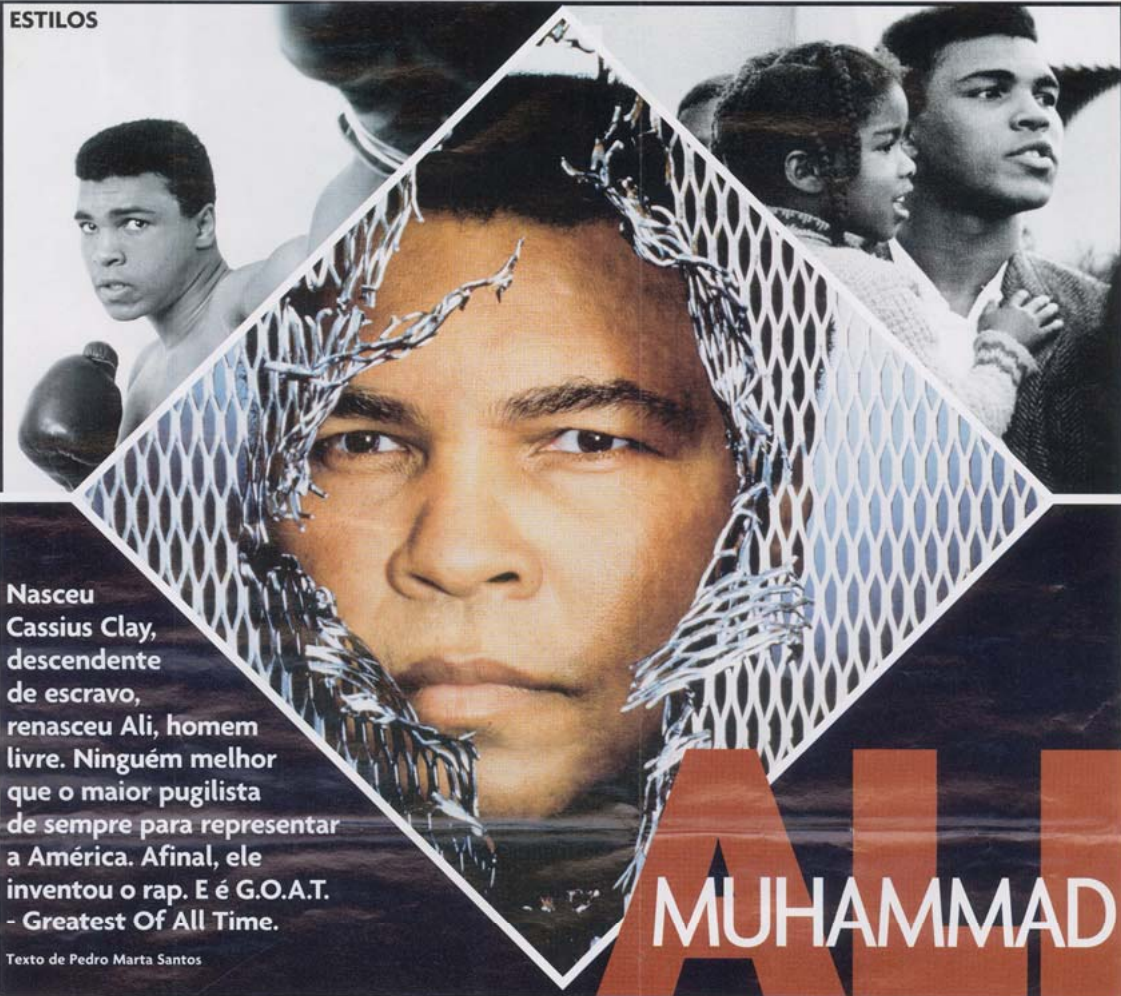


ESTILOS



Nasceu Cassius Clay, descendente de escravo, renasceu Ali, homem livre. Ninguém melhor que o maior pugilista de sempre para representar a América. Afinal, ele inventou o rap. E é G.O.A.T. - Greatest Of All Time.

Texto de Pedro Marta Santos

MUHAMMAD

O maior de todos os tempos

Ninguém representa melhor a América do que Muhammad Ali. "Há sempre um choque ao vê-lo outra vez. Não na televisão mas à nossa frente, no seu melhor. Então, o Maior Atleta do Mundo fica em perigo de ser o nosso mais belo homem, e o vocabulário 'camp' está condenado a aparecer. As mulheres soltam uma respiração audível. Os homens olham para baixo. São lembrados outra vez da sua falta de valor. Se Ali nunca abrisse a boca para agitar a opinião pública, continuaria a inspirar amor e ódio. Pois ele é o Príncipe dos Céus - assim o diz o silêncio em torno do seu corpo quando ele é luminoso". Norman Mailer estava no máximo do seu talento quando escreveu estas palavras em "The Fight", uma reconstituição apaixonada e apaixonante do célebre "Rum-

ble in the Jungle", o combate que opôs Muhammad Ali a George Foreman no Zaire em 1975. Ali estava na mó de baixo, Foreman era o campeão. Mas a lenda era Ali. Nas ruas de Kinshasa, as crianças gritavam "Ali boma ye" - "Mata-o, Ali". Durante oito assaltos, quem parecia estar a morrer era Ali. Transformou-se num saco de pancada, uma massa de sofrimento, um corpo inerte encostado às cordas - o "rope-a-dope" que o lutador inventou -, animal altivo mas indefeso, à espera da matança. De repente, acorda da exaustão e, num só golpe, num único murro, um murro que guardou a vida inteira, atinge a cabeça rapada de Foreman. O destino de Foreman só podia ser o chão, e um voo para casa. Ali reconquistava o título de campeão mundial de pesos pesados. Já não era o Princi-

pe. Era o Deus dos ringues. Quando, na década de 80, anunciou que tinha a doença de Parkinson, disse: "é uma prova de Deus. Deu-me esta doença para provar que não sou eu o número um. O número um é Ele". Ninguém representa melhor a América do que Muhammad Ali porque Ali é o triunfo sobre as contradições de uma nação-contidente. Foi baptizado Cassius Marsellus Clay em homenagem ao fazendeiro branco do mesmo nome que, no Kentucky de inícios do século XIX, muito antes da Guerra da Secessão, libertou os seus escravos, tornando-se um activo abolicionista. Clay baptizou um dos seus escravos, o tetravô de Ali, com o seu nome, e a família de Ali, depois do fim da escravatura, manteve a tradição. No início da década de 60, o 'boxeur' resolveu enterrar o nome "de escravo",

**ALI ERA UM POETA DO MOVIMENTO, UM
UMA PANTERA DE TEMPERAMENTO
COMO AS DE UM LEÃO. O SEU SEGREDO NÃO**



**BAILARINO, O ELVIS DO BOXE,
ARTÍSTICO, E GARRAS FATAIS
ERA A FORÇA, MAS A VELOCIDADE.**

Cassius Clay, e renascer como Muhammad Ali, a sua identidade adulta, islâmica, livre - o nome significa "elevado e digno de referência".

Ali era um homem de moral estrita: não comia carne de porco, recusava os refrigerantes, nunca fumou nem bebeu álcool na vida, mantinha-se em abstinência sexual durante longos períodos e nunca por nunca se envolveu com uma mulher branca ("pássaros negros são pássaros negros; não se mistura maçãs e laranjas"). Mas era o mais liberal dos pensadores políticos, um símbolo de igualdade e de luta contra o preconceito, de convicções inabaláveis - negou-se até ao último recurso judicial, quando foi salvo pelo Supremo Tribunal, a alistar-se e combater no Vietname, uma guerra que considerava injusta e sem sentido. Quando estava seguro de que tinha razão, lutava com uma confiança tão grande no ringue como fora dele. E Ali estava sempre seguro de que tinha razão. Era o mais egocêntrico, orgulhoso e gabarola dos homens - afinal, quem o poderia censurar?

A primeira pessoa que pôs k.o. foi a mãe. Era bebé de colo, e deu acidentalmente um murro à mãe quando esta cuidava dele. Atingiu-a em dois dentes da frente, que acabaram por ter de ser arrancados. Quando tinha doze anos, o pai perdeu a cabeça - era um negro remediado de Louisville, Kentucky, quando os negros não podiam beber da mesma água dos brancos e eram esmorrados dos restaurantes e dos 'diners' junto às bombas de gasolina - e deu-lhe uma bicicleta vermelha, uma Schwinn de 60 dólares, novinha em folha. Um miúdo roubou-lhe a bicicleta, e Cassius jurou vingança: "vou limpar o sebo a quem me roubou a bicicleta". Joe Martin, um polícia branco que ensinava boxe nas horas vagas aos putos de rua, respondeu-lhe: "bem, é melhor aprenderes a lutar antes de desafiáres pessoas e dizeres-lhes que lhes vais limpar o sebo". Seis semanas de aulas de boxe depois, o rapaz que lhe roubou a Schwinn começou a atravessar a rua para o outro lado quando o via. Mais seis meses e o Cassius Clay de 12 anos fez a estreia nos ringues. Uma semana antes, já de cabeça levantada, declarou ao Louisville Courier-Journal: "This guy is done/ I'll stop him in one (Este tipo está feito/Vou pará-lo num assalto). Ganhou, claro, num assalto. Era o início das famosas predições de Muhammad Ali, e o começo das suas rimas provocadoras, exaltantes, musicais - o "Ali Rap".

"Ali Rap" é um livro editado em Novembro passado pela Taschen, em colaboração com o canal desportivo norte-americano ESPN, e não há melhor forma de comemorar o aniversário do grande Muhammad Ali - fez 65 anos há poucos dias, a 17 de Janeiro - do que lê-lo. Admirá-lo. Decorá-lo. Resultado da compilação de centenas de rimas, frases bombásticas, declarações de guerra, manifestos de amor, aforismos e reflexões de Ali ao longo de trinta anos de carreira, é uma homenagem de

um grande amigo, o designer gráfico George Lois, a um visionário e um guerreiro da elegância. Está lá o lendário "float like a butterfly/sting like a bee/Your hands cant hit/what your eyes cant see", o auto elogio de Ali à forma simultaneamente graciosa e fulminante com que aniquilava os adversários. Ali era um poeta do movimento, um bailarino, o Elvis do boxe, uma pantera de temperamento artístico, e garras fatais como as de um leão. O seu segredo não era tanto a força, mas a velocidade - evitava muitos mais golpes do que dava. Uma vez, durante uma conferência de imprensa, apanhou sete moscas do ar, só por divertimento. Tinha a mania de perguntar a George Lois qual era o pugilista mais rápido que este já tinha visto. Lois, que sabia do que a casa gastava, dizia que não era ele, era Joe Louis. Ali respondia: "Queres ver como sou mais rápido?". "Mostra lá". Ali não esboçou um gesto nem mexeu um músculo: "Viste?"

Mas não era só no ringue que o 'boxeur' dos 'boxeurs' - "The Greatest", como se auto-apelidava - fundia graciosidade e contundência. Ali foi o precursor de Tupac Shakur, Jay-Z, Run-D.M.C., da luta pela palavra, da rima certa e venenosa. Provocava tanto os adversários nas semanas precedentes ao combate que era impossível eles não ficarem desmoralizados. Em 1960, antes de lutar com Herbert Siler, no seu segundo combate profissional: "After four/You can head for the door/ And if he tries to get rough/Ones enough". Como previsto, venceu ao quarto assalto. Antes de liquidar Archie Moore: "Archie's been living/Off the fat of the land/Im here to give him his pension plan". Dizia que tinha um radar dentro dele "para evitar os muros" e quando era miúdo, pedia ao irmão para lhe atirar pedras. O irmão nunca lhe acertou.

Nas vésperas de combater pela primeira vez com Sonny Liston, ao qual retirou o título, sagrando-se pela primeira vez campeão mundial de pesos-pesados (a imprensa quase toda achava que Ali era um fala-barato e uma farsa): "É, estão a tratar do Medicare para o oferecerem a esse velhote. E quando lhe acertarem na boca, vai precisar de DENTicare". Depois de vencer: "Yes, the crowd did not dream/When they laid down their money/That they would see/a total eclipse of the Sonny". Antes do combate com George Foreman em Kinshasa, anunciou

que tinha visto "Foreman a lutar contra a própria sombra. A sombra ganhou". Nos momentos cara-a-cara que antecedem o combate, esteve sempre a dizer baixinho a Foreman: "andas a seguir-me desde que era puto. Agora vais conhecer-me, o teu mestre". Uns anos antes, quando Roy Jones Jr. tentou enfrentá-lo, respondeu-lhe: "Segue o meu conselho. Compra uma pistola". Uma vez perguntaram-lhe se alguma vez já tinha estado apaixonado. "Não por outra pessoa".

Era um provocador nato, mas o primeiro a humanizar o jogo. Quando venceu Zora Folley, a primeira coisa que fez no ringue foi dirigir-se ao microfone e falar para a mulher do adversário, que seguia o combate pela tv: "O seu marido está ok, senhora Folley, sem problemas. Quero cumprimentar os seus filhos e dizer-lhes que devem estar orgulhosos do pai". Era tão vaidoso que, se via muitas mulheres na plateia a assistir aos seus combates, voltava ao balneário para se pentear. Curiosamente, não suportava a vista de sangue. "Em alguns dos meus combates tenho que desviar o olhar". Tinha pavor de aviões e gostava de caramelos "Babe Ruth". Quando lhe perguntaram sobre os objectos que mais apreciava, respondeu:

"Carros e espelhos". Colocou "GOAT" na matrícula no carro que usava para certas cerimónias oficiais - "GOAT" significa "Greatest of All Time" e é o título do maior livro de sempre, outra edição da Taschen, que pesa 38 quilos e é do tamanho de uma mesa de café. Pode encomendá-la na FNAC ou pela Internet. Custa mais de 3000 euros, e não é suficientemente grande para o homem que Ali foi. ■



Ali Rap
George Lois
Ed. Taschen, 2006
608 páginas

GOAT (Greatest Of All Time) - A Tribute to Muhammad Ali
Helmut Sorge
Ed. Taschen, 2004
780 páginas
Edição numerada e limitada a mil exemplares